

A GRANDE TRAVESSIA

Heiji Tanaka *

“O que de fato aconteceria se fundindo ao que poderia ter acontecido, e enquanto a realidade cedia lugar aos sonhos, o passado ia ficando muito parecido com o futuro.”

(Yukio Mishima)

Resumo

A imigração japonesa para o Brasil comemora 90 anos em 1998. O tema deste trabalho versa sobre a trajetória, a configuração e as mudanças dessa grande aventura que se iniciou, oficialmente, no longínquo ano de 1908. É um pouco de história misturado com um pouco de depoimento pessoal em função dos laços familiares desse passado com o presente.

Abstract

The Japanese immigration to Brazil celebrates 90 years in 1998. The subject of this work talks about the career, the configuration and the changes of that big adventure that started, officially, in the faraway year of 1908. It's a little of history mixed with a little of personal testimony, in terms of the familiar knot of that past with the present.

* Professor da UNIPAR.

Introdução

Em 1988, quando se comemoraram, em vários lugares do país, os 80 anos da imigração japonesa, parecia visível que um processo irreversível estava em curso: a assimilação dos japoneses à cultura brasileira. Curiosamente, era um processo de mão dupla, aparentemente sem conflitos ou imposições. Lembrome da exposição realizada na cidade de Londrina, onde japoneses e povos de outras origens confraternizavam-se em uma festa como se ela fosse comum a todos eles. E isso era muito bom. Foi quando o exótico deu lugar à aceitação natural das tradições culturais únicas de um povo: todos saboreavam sashimi e udon usando ohashi (o talher típico dos japoneses), dançavam alegremente ao som das batidas rítmicas de um grande tambor de madeira e senhoras delicadas caminhavam em meio às pessoas usando kimono (a tradicional roupa dos japoneses). Em meio a tanta alegria, no entanto, o fato que mais chamou a minha atenção foi um grupo de crianças sendo entrevistadas pela televisão.

Repórter: Você é issei, nissei, ou sansei?

Garoto: Não sei.

Pareceu-me que alguma coisa estava se perdendo no tempo, tragada pelo redemoinho do esquecimento. Tentemos lembrar um pouco dessa trajetória para que não seja completamente abandonada pela nossa memória.

1. Uma terra do outro lado do mundo

No cemitério da cidade de Marília, localizada no interior do estado de São Paulo, existe um nonumento em mármore, todo negro, que marca os 50 anos da imigração japonesa para o Brasil. Tradicional reduto de imigrantes em geral, a região, conhecida como Alta Paulista, já foi um grande centro produtor de café no passado. Marília é também a minha cidade natal. Por coincidência, esse Memorial fica quase em frente ao jazigo pertencente à minha família. Muitas vezes, ficava a observar homens e mulheres, idosos ou de meia idade, afortunados e outros nem tanto, que se postavam diante desse monumento numa posição de respeito e reverência. Sempre fiquei a pensar no sentido daquele silêncio reverencial, cabeça abaixada, os olhos cerrados, como se o peso de uma vida, uma vida mergulhada na memória, viesse à superfície em questão de segundos. Eu mesmo já me postei por inúmeras vezes nesse mesmo lugar e nessa mesma posição. Em todas essas vezes, descubro um pouco desse peso que as pessoas para quem olho na mesma situação carregam orgulhosamente: o seu próprio passado.

Mas, que passado é esse que se lembra, em silêncio, carregado de tanto pesar e sofrimento e, paradoxalmente, com tanto orgulho e honra?

Vamos voltar um pouco no tempo. O Japão do início do século 20 não lembra nem um pouco o país Japão que anuncia a chegada do século 21. Pensamos, hoje, no Japão como o centro da tecnologia de ponta, futurista na concepção de automóveis, pontes e edifícios, linhas de montagem revolucionárias e onde tudo pode ser miniaturizado através de novas

tecnologias. Porém, essa imagem é bastante recente (coisa de 30 anos) na história desse povo de origem milenar. O Japão de 1900 é um país completamente diferente deste da atualidade - talvez, diametralmente oposto.

Até 1868, em plena II Revolução Industrial no Ocidente, o Japão era um país essencialmente agrário, de profundos resquícios feudais, fechado e isolado do restante do mundo, contando apenas com esporádicos contatos com estrangeiros que se aventuravam no extremo oriente. O shogunato, o domínio militar e territorial dos senhores da guerra, grassava o país em intermináveis guerras civis, na luta constante por um pedaço a mais de terra - desde sempre um bem escasso nessa ilha de relevo irregular e solos pouco férteis. O imperador - uma personalidade sagrada até 1945 - permanecia como uma figura decorativa e, por natureza, abstrata para a totalidade da população, isolado em seu palácio na cidade de Kyoto, a antiga capital do país. Enquanto isso, uma massa de camponeses famintos e miseráveis cultivavam os campos sem muita esperança de que dias melhores chegassem para suas vidas.

Foi quando o imperador Meiji conseguiu se aliar aos senhores da guerra mais fiéis; obtendo assim um grande exército, é que tornou-se possível unificar o país sob uma autoridade que controlasse todo o território. A Era Meiji irá se prolongar até o ano de 1912. É nesse período que o Japão começa a tomar as primeiras medidas modernizadoras no campo social e econômico. A ampliação do sistema educacional serviu para formar um exército de trabalhadores disciplinados e bem treinados. Ao mesmo tempo, grandes empresas familiares (chamadas de zaibatsu) foram criadas fazendo deslanchar a Revolução Industrial no Oriente - meio tardia mas com relativo sucesso. O Japão foi, assim, ocupando um vazio não incorporado ao Ocidente incapaz de pacificar os seus interesses na África e Europa Central. O imperador Meiji estimulou o contato com o estrangeiro, fazendo com que profissionais em diversas áreas fossem complementar os estudos no exterior e abriu ligeiramente um canal de intercâmbio comercial com

países estrangeiros, preparando as bases do Japão do século 20.

No entanto, o Japão permanecia um país eminentemente agrário e pobre. A escassez de terras férteis, matérias-primas e fontes de energia, associada às condições morfo-climáticas continuavam a castigar a imensa maioria da população condenada a passar fome todos os anos. A industrialização não podia ser acelerada por causa da falta de carvão, ferro e petróleo. Restou uma única alternativa e que, para os padrões da época, era plenamente justificável: o militarismo. Essa alternativa tomou formato no início do longo reinado do imperador Hiroito (1926-89) quando o Exército ocupou os postos administrativos estratégicos que levou à escalada da II Guerra para os japoneses.

O reinado do imperador Hiroito (cuja era foi denominada Showa, que quer dizer prosperidade), teve como marca indelével o militarismo desenfreado que, às vezes, chegou bem próximo à insanidade. Esse militarismo propunha a formação de um imenso império na bacia do Oceano Pacífico, anexando a Coréia, Tailândia e, em especial, o Nordeste da China na região da Manchúria riquíssima em recursos naturais. O resultado é bem conhecido: uma sangrenta guerra contra os EUA pelo domínio do Pacífico e as duas bombas atômicas que fizeram o país dobrar-se diante do inimigo em agosto de 1945. (O que ocorreu a partir daí constitui um capítulo singular e inusitado na história dos povos).

No entanto, mesmo esse gigantesco esforço para promover uma rápida industrialização não foi suficiente para superar os sofrimentos da população em geral. Mesmo porque um eventual excedente de recursos (humanos e financeiros) tinham que ser canalizados para fomentar a implacável máquina de guerra que estava sendo construída pelos militares. Numa das poucas iniciativas do governo, realizou-se uma reforma agrária no norte do país, na ilha de Hokkaido, para que pequenos camponeses pudessem cultivar a terra e produzir alimentos. O resultado foi catastrófico: o clima frio inviabilizava a agricultura levando as famílias ao desespero por causa da fome.

Para se ter uma idéia, até hoje o governo japonês gasta 4 bilhões de dólares ao ano para subsidiar os plantadores de arroz.

É essa imensa massa de pessoas, famintas e desesperançadas, que começam a se constituir num excedente de população incapaz de ser absorvido pelo sistema. Ir para as cidades também não é uma opção viável, seja pela carência de empregos na indústria seja pelo despreparo da mão-de-obra que vivia no campo há várias gerações e não conseguiria se adaptar às novas condições impostas pela industrialização. Sem contar que as famílias japonesas são tradicionalmente extensas, dificultando ainda mais a vida nas cidades. É nesse contexto, das primeiras décadas do século 20, que se começa a ouvir falar de um lugar distante, onde a terra é farta e fértil, as plantações são verdes, com muita água e comida para todos. Na maioria das vezes, a desilusão é tão grande que qualquer ilusão se torna o único fio de esperança a prender os homens à vida. Vamos, então, para uma terra distante... Uma terra do outro lado do mundo.

2. Estranhamento, afastamento, aproximação

É hora de partir. O porto de Kobe, no centro do país, é o mais movimentado do Japão no início do século. É de lá que parte a população excedente, emigrando para terras distantes. Partir - verbo intransitivo. Partir porque é necessário, não é da vontade pessoal de cada indivíduo que vê suas esperanças em sua terra natal se desfazerem como a fumaça que escapa das chaminés das grandes fábricas. Partir da terra onde nasceu e cresceu, talvez para nunca mais revê-la. Partir com a família, filhos, temerosos em não saber o que espera o amanhã. Todas as coisas que vão ficando para trás - as montanhas, a neve, os casebres miseráveis, a infância, a história de uma vida, os sonhos - deverão ser apenas reminiscências, imagens fugidias, num tempo não muito distante. Na imensidão do oceano, pessoas sacolejam de acordo com as ondas, embaralhando as idéias,

esperanças, frustrações e medos. Que tudo seja diferente na terra do outro lado do mundo. Os navios se afastam da costa, e o passado vai ficando menor até desaparecer num imenso vazio colorido de azul e branco do céu e do mar. Aqui, o passado se encerra e o futuro principia - uma paráfrase inspirada em José Saramago.

Com frequência, fico a sondar no pensamento a reconstrução dessa experiência partilhada por inúmeras pessoas no Japão, Itália, Espanha, Alemanha e em tantos outros lugares. O olhar de pessoas apreensivas, ansiosas, temerosas, que carregam nas mãos e no rosto as marcas das lutas e dos sofrimentos em busca da sobrevivência. Penso que é uma experiência única, singular, irrepitível no tempo e no espaço. Podemos imaginá-la e, talvez, jamais chegaremos nem perto do que foi a realidade dos fatos: famílias inteiras à espera do próximo navio que parte, pessoas que vão, pessoas que ficam aguardando notícias ou um retorno improvável, o coração carregado de abandono, de estar sendo expulso de sua casa (miserável que seja) - tudo é muito comovente e triste. Partir: o dia que as lágrimas embalam o corpo e a alma abraça o mundo. Por isso, é preciso coragem - muita coragem - para partir. É a coragem que somente os desesperançados possuem.

Se partir é triste e doloroso, a chegada à terra desconhecida é sempre um choque. Uma terra estranha, um povo estranho, uma língua estranha, um clima estranho. Tudo é estranho. O desembarque no porto de Santos não deve ter sido menos traumático do que a partida em Kobe. Chegar, olhar para os lados sem saber para onde ir. Seguir os que estão à frente, tentar entender as placas com caracteres completamente irreconhecíveis, comunicar-se com quem quer que seja para pedir uma informação, depois de dois meses em alto mar. A terra do outro lado do mundo é bastante estranha, sem dúvida.

Mas, estamos em terra firme. E o primeiro sentimento que alguém experimenta quando chega a uma terra desconhecida é o que poderíamos chamar de estranhamento. Seja ele um turista que irá passar

férias, seja o imigrante que irá passar o resto de sua vida naquele novo lugar. Para os orientais, talvez, esse estranhamento deve ter sido ainda maior: a cor da pele, os olhos puxados, a fala e o alfabeto diferenciados, a inexistência da letra l e v em seu vocabulário, tudo contribuía para afastá-los da tradição ocidental. Para um espanhol, italiano, ou mesmo alemão, a adaptação deve ter sido um pouco menos difícil até por conta de certos traços culturais do povo. Mas, deixemos um pouco a imaginação de lado e voltemos à realidade.

Os imigrantes que aqui chegaram, não tiveram tempo para descansar. Com os japoneses não foi diferente. As famílias que desembarcavam já estavam mais ou menos encaminhadas para trabalhar nas lavouras de café do próspero oeste paulista. A região da Alta Paulista, acabou se tornando um dos principais pontos dessa onda de expansão econômica nas primeiras décadas do século. O trabalho era árduo, a alimentação continuava escassa, mas a esperança parecia ser maior do que a fadiga. Mesmo porque não havia opção: era trabalhar ou perecer. No entanto, existiam, então, possibilidades concretas, condições reais, de que o futuro poderia ser melhor do que o presente e, incomparavelmente, mais confortável se contraposto às condições de vida do passado mais distante na terra natal.

Com muito esforço e muita privação, uma vida melhor poderia ser conquistada para si mesmos e para as futuras gerações. Afinal, existiam ainda terras férteis sub-utilizadas, a um preço acessível a médio prazo e poder-se-ia vislumbrar uma certa prosperidade. Não havia a pretensão da riqueza fácil e rápida, mas esperança e vontade de lutar. Talvez não seja por outro motivo que a maioria das famílias que trabalharam nas lavouras de café acabaram se transformando em pequenos e médios proprietários ao longo do tempo. Penso que, para a totalidade dos imigrantes das gerações de 1900-30, tornar-se proprietário era uma questão de honra. O sonho não era de grandeza ou de imensa fortuna pessoal, apenas uma vida menos miserável que eles e seus pais vivenciaram no Japão.

Existia, na verdade, um medo revestido de grande esperança: que os seus descendentes não fossem condenados a passar pelas mesmas privações e sofrimentos que eles estavam experimentando. Confesso que nutro uma grande admiração pelo fato de as gerações mais antigas, mesmo diante das maiores adversidades, jamais terem perdido de vista a dimensão das coisas que estavam por vir, o futuro com o qual defrontaremos inevitavelmente. Um pouco dessa admiração espero ter conseguido transmitir ao longo deste modesto trabalho.

Porém, o fato de conseguirem se transformar em pequenos proprietários não fez dos japoneses uma colônia assimilada aos costumes brasileiros. Muito pelo contrário. O estranhamento acabou levando a um período de afastamento da colônia dos outros grupos aqui encontrados. Esse fato é tão marcante que, mesmo estando em uma terra estranha, os japoneses resolveram denominar, desde o início, os que já estavam aqui de *gaijin* (estrangeiro). É um paradoxo estranho e engraçado ao mesmo tempo. A impressão que se tem é que a sua fixação nesta terra parecia ser um fato consumado; por outro lado, permaneciam fechados aos outros grupos de imigrantes e à população local.

As associações de japoneses em grupos fechados era um fato corriqueiro. Até hoje, em muitas cidades ainda restam, pelo menos, alguns sinais dessa tradição. Mesmo a ditadura nacionalista de Vargas não foi capaz de eliminar totalmente os vestígios de um passado ainda recente. As escolas japonesas mantidas pelas associações proliferavam nas cidades e os jovens eram obrigados a crescer numa cultura bilingüe que às vezes era também conflitante. Olhando retrospectivamente, penso que esse apego à tradição não tenha sido de todo ruim ou destituído de sentido. Ele serviu para moldar mais de uma geração de brasileiros descendentes de japoneses, sem colocar, em momento algum, a supremacia da cultura brasileira em xeque. Não se desejava o confronto - apesar de algumas vezes inevitável - apenas o respeito a certos valores que custaram muito, em sacrifícios pessoais e coletivos, às gerações mais velhas. E não há nada de

errado em desejar a preservação daquilo que nos liga ao passado seja ele mais remoto ou recente. E como escreveu o economista John Kenneth Galbraith, do alto dos seus 90 anos de idade: *Há valor em se conhecer aquilo que já foi acreditado ou aquilo que pelo menos se considerou digno de ser acreditado.*

Foi preciso, mais uma vez, um doloroso período de adaptação para vencer certos obstáculos e preconceitos que retardavam uma maior assimilação dos japoneses à cultura brasileira. O convívio com outros povos, a percepção das diferenças, os conflitos em família, os 'estrangeiros' em casa etc. Alguma coisa estava se movendo sob o céu destas terras. Com o passar do tempo, a escola oferecia aos filhos de imigrantes uma oportunidade única de absorver novas experiências e reconhecer o diferente sem preconceitos. Um processo benéfico a todos nós.

E assim, o convívio diário na escola ou no trabalho, daí para amizades ou algo mais, e disso para os conflitos inevitáveis com as gerações mais velhas. Muitos jovens acabaram sendo deserdados, marginalizados dentro da família e da colônia por ousarem transpor os preconceitos enraizados em qualquer comunidade. No começo, o casamento com um *gaijin* era motivo de vergonha para muitas famílias - assim como já foi motivo de constrangimento uma mulher chegar grávida no altar da igreja. Felizmente, a sólida barreira do preconceito foi sendo quebrada lentamente e, hoje, a exceção está no contrário do que já foi um dia. Os casamentos inter-raciais, para o nosso bem, passaram a fazer parte da normalidade. A compreensão desse fato por parte das gerações mais velhas foi um grande passo para a integração dos japoneses à cultura nacional. Miscigenação: uma das maravilhas dessa terra do outro lado do mundo.

Desse modo, os sonhos realizados e esmagados pareciam assinalar que a Grande Travessia havia se concluído. Mas eis que, quando essa aproximação se completava, um novo fenômeno começou a se desenhar no Brasil. A Terra Prometida de outrora, tornara-se a terra que devorava os homens e seus esforços inutilmente. Estamos na década de 1980...

3. O eterno retorno

Os anos 80 não foram os mais felizes para a maioria da população brasileira. Na primeira metade da década, a ditadura militar se arrastava sob o governo do General Figueiredo, a falência do modelo econômico do pós-guerra encerrava um ciclo de crescimento econômico anunciando uma grande crise marcada pela crescente dívida externa e alta da inflação. Apesar de tecnocratas de prestígio, como Delfim Neto, ainda tentarem dar uma certa luminosidade, o clima era de final de festa. A prometida redemocratização sepultou os sonhos de toda uma geração de brasileiros: a mediocridade do governo Sarney, a corrupção generalizada e a inflação galopante fizeram deste país a terra da especulação financeira, e para a população em geral uma década de ilusões perdidas.

Nesse mesmo período, as notícias que nos chegavam do extremo oriente eram justamente o contrário do que assistíamos no Brasil. Diziam que o Japão estava para se tornar a principal potência tecnológica do planeta, a sua indústria adquirira um grau de competitividade que os americanos não estavam conseguindo acompanhar. Até mesmo países como Coreia e Taiwan estavam deslançando uma industrialização acelerada seguindo o modelo japonês de produzir com qualidade, a preços baixos e ocupar largas fatias do mercado internacional. Para quem ouvia falar todos os dias em inflação, FMI, BTN e outras coisas, a prosperidade em outros países surpreendia. Até mesmo os americanos estavam preocupados com a invasão japonesa no mercado local com seus carros compactos e aparelhos eletrônicos que seduziam o consumidor. Parece que havia chegado a hora do *japanese way of life*. O século 21 pertenceria ao Japão, da mesma maneira que o século 20 pertenceu aos EUA. Retórica ou não, era esse o cenário na década de 1980.

Foi por essa época que começou um movimento, inicialmente discreto mas que tomou intensidade na medida que a notícia se espalhava. Diziam que fábricas japonesas estavam recrutando

mão-de-obra para trabalhar nas linhas de montagem, na produção de peças e outros serviços pesados e sujos que os trabalhadores locais já não queriam mais realizar. Os salários eram tentadores. Com o passar do tempo, várias outras atividades, em especial o setor de serviços, estavam requerendo uma crescente quantidade de mão-de-obra sem exigência de qualificação. A promessa de futuro já não estava mais no Brasil mas numa terra distante - uma terra do outro lado do mundo.

Os descendentes de japoneses começaram a partir com destino ao Japão em número cada vez maior. Japão: a terra dos seus antepassados. A expectativa, agora, é bem diferente. Os que partem, sabem, através de informações várias, como é a vida numa terra estranha. Aliás não tão estranha, porque divulgada no dia-a-dia nos meios de comunicação de maneira até cansativa. A longa viagem de navio do passado dá lugar às modernas aeronaves da *Japan Air Lines* que cruzam o planeta em questão de menos de um dia. Desembarcam em aeroportos onde agenciadores estão à espera de mais um lote de mão-de-obra. Para a maioria não é uma viagem sem volta. Eles esperam ganhar dinheiro suficiente para construir uma vida estável e retornar para o Brasil.

Mas a vida lá não é fácil. Apesar de toda comodidade, toda tecnologia e sofisticação, nem tudo pode ser aproveitado pelos trabalhadores braçais. O custo de vida é elevadíssimo e a tentação a consumir é grande. Mas os brasileiros que emigraram só podem saborear as benesses da tecnologia com os olhos. Na vida real, trabalha-se muito - de 10 a 12 horas por dia - em troca de um salário mensal na faixa de dois mil dólares para os homens. É um salário incomparavelmente maior do que a média no Brasil; no Japão, cujo PIB per capita encontra-se na faixa de 30 mil dólares ano, é um salário apenas decente. Trabalha-se arduamente e tem que se contentar com uma vida absolutamente frugal.

As pessoas que partiram - e continuam a partir - para o Japão estão apenas reproduzindo a trajetória de seu país e avós? Absolutamente não. Existem diferenças profundas nesse movimento de mão dupla

que liga o passado ao presente. Em primeiro lugar, a mão-de-obra que o Brasil está desperdiçando não é, em sua totalidade, desqualificada. Muitos engenheiros, enfermeiras, administradores de empresas, estão deixando tudo para trás para tentar a sorte no Japão. Ao contrário dos seus antepassados, que emigraram em busca da sobrevivência, pura e simples, na atualidade, o caminho inverso promete o enriquecimento e a afluência a curto prazo.

Em segundo lugar, o Japão não é mais um país a ser construído, como era o Brasil nas primeiras décadas deste século. É um país incomparavelmente mais rico que o nosso e os trabalhadores brasileiros não são mais do que simples trabalhadores subalternos vistos com desconfiança e preconceito pelos nativos. Não deixa de ser estranho o comportamento dos japoneses: para eles, os trabalhadores que vão para lá estão apenas querendo se aproveitar da prosperidade do país, conquistada no pós-guerra. Os nipo-brasileiros são extremamente marginalizados e encarados, agora, como estrangeiros na terra dos seus ancestrais. De acordo com colegas que ali estiveram, a pergunta mais ouvida é por que sendo o Brasil uma terra tão agradável e de tamanhas potencialidades, um grande contingente de pessoas estão partindo para tentar a sorte no Japão. Sem dúvida, uma pergunta fácil de ser respondida mas difícil de ser explicada.

Em terceiro lugar, partir já não tem o mesmo significado do passado. Espera-se a volta em dois ou três anos no máximo. Alguns poucos extrapolam esse prazo. As notícias chegam por telefone ou via fax. Imagens chegam através de fotografias ou, melhor ainda, em fitas de vídeo. A falta de comunicação e o isolamento só ocorrem se for voluntariamente. Uns poucos não desejam mais retornar para o Brasil, mas fica sempre a saudade de um passado recente. Olhar o futuro... No passado, um grande contingente de pessoas foi expulso de sua terra natal. Vieram para o

Brasil e conseguiram moldar uma perspectiva que acabou se misturando ao destino de uma nação. Agora, os seus descendentes retornam a uma pátria que não mais lhes pertence. Talvez, quando, retornarem, possam olhar o Brasil a partir de uma outra perspectiva. Um pouco da perspectiva dos seus antepassados. É sinal de que a Grande Travessia não atingiu, felizmente, o seu final. Se temos isso em nossas mentes é um bom sinal.

Lembrança: uma pequena chama que ainda serve para iluminarmos o futuro. Relembrar: a eterna luta contra o esquecimento.

Conclusão

Gostaria de encerrar essa exposição com um pedido de desculpas, na esperança de que um mínimo de análise objetiva não tenha sido totalmente ofuscada pela subjetividade de quem a redigiu. No entanto, o que pretendia ressaltar ao longo do trabalho é a construção dessa interminável ponte que deve nos ligar ao passado e ao futuro. Que esses 90 anos de imigração japonesa possam servir para refletirmos com mais atenção sobre a nossa trajetória e o futuro que queremos para a nossa nação. Que seja uma grande celebração, uma confraternização com todos os povos que compõem essa imensidão chamada Brasil. A Grande Travessia não é uma experiência exclusiva dos japoneses e, por isso mesmo, que possamos continuar a compartilhar com os outros povos as nossas esperanças, frustrações e ansiedades. Então: Ban-zai! *

* Este trabalho é dedicado a todos aqueles que lutaram - e continuam a lutar - para que os sonhos dessa Grande Travessia não pereçam.